



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS / CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TARCÍSIO MOREIRA BATISTA

PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVO ESCOLAR NA PERSPECTIVA
TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS ABORDAGENS CRÍTICAS DA
EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Jacobina - BA

2014

TARCÍSIO MOREIRA BATISTA

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVO ESCOLAR NA PERSPECTIVA
TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS ABORDAGENS CRÍTICAS DA
EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA**

Monografia apresentada como requisito parcial de avaliação da Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II, para a conclusão da Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia, Campus IV.

Orientador: Professor Ms. Vamberto Ferreira Miranda Filho.

Aprovado em.....de.....2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Vamberto Ferreira Miranda Filho.

Prof. Ms. Jaime Baratz

Prof. Ms. Itamar Silva e Sousa

Jacobina-BA

2014

Somos o que pensamos,
Fazemos o que aprendemos,
Concertamos quando erramos,
Ajoelhamos pelo que fizemos,
Sonhos que foram engano,
E vivendo e aprendendo.

Tarcísio Moreira Batista

AGRADECIMENTOS

Essa parte da monografia para mim foi particularmente reflexiva, pois, nem mesmo as diversas avaliações a que já fui submetido, nem momentos de escolhas na vida, foram mais difíceis do que manifestar todo meu carinho e reconhecimento às pessoas que contribuíram para meu desenvolvimento. Páginas são insuficientes, pois delimitam minha gratidão, mas vou tentar resumidamente em algumas linhas demonstrar meus agradecimentos.

Meus agradecimentos prioritários são destinados aos meus pais. Tânia Moreira da Silva e João Batista Filho, pessoas as quais considero com as maiores qualidades essenciais que devem estar presentes num ser humano: humildade, responsabilidade, honestidade, respeito, solidariedade, sinceridade, afeto e companheirismo. Pessoas sem as quais eu não existiria e não percorreria o caminho até onde me encontro. Sou muito grato por se esforçarem tanto pra me manter no percurso, nunca me deixando nada faltar, dedicando uma vida inteira para cuidar, ensinar e formar uma pessoa de bem. Coloco aqui palavras de minha mãe que sempre diz: “Quem cria os filhos são os pais, mas o maior aprendizado a vida que os ensina”. É verdade mainha, mas sem a educação fornecida por vocês, em casa, eu não estaria pronto para enfrentar a vida. Admiro e amo muito vocês, me orgulho por ser seu filho e por poder compartilhar não só momentos de dificuldades, mas também conquistas.

Um dos aprendizados que tive ao morar fora de casa, longe do contato e do olhar da família, foi que eu poderia mudar. Ser, estar e fazer o que quiser, sem regras e nem compromissos o que poderia modificar totalmente meus valores morais. Contudo se você tiver uma boa educação e estrutura familiar você permanece íntegro e cumpre com os seus objetivos...

Agradeço a minha querida irmã, Tais Moreira Batista, com quem na infância briguei muito, mais que com a distância, a saudade nos aproximou, dessa vez de forma totalmente diferente. O tempo nos tornou muito mais próximos e companheiros, dividindo não só a riqueza de uma boa criação, mas confidências e alegrias. Amo-te minha irmã.

A Taiane Dantas Martins minha amada namorada que desde que nos conhecemos, sempre dedicou-me inteiramente sua companhia, afeto, respeito, atenção e cuidados. Nos momentos bons ou ruins, eu sabia que tinha um alguém que em especial se importava comigo. Pessoa que despertou-me o sentimento mais bonito e puro que é o amor, a qual destaco enorme importância em minha vida, por sempre estar presente, orientando-me, incentivando-me e me apoiando na realização de sonhos e conquistas. Não há como descrever aqui tudo que tem proporcionado de melhor em minha vida. Lembro-me de algumas palavras suas quando diz que “Para um relacionamento dar certo um casal tem que completar o outro, respeitar, amar, apoiar e proteger e principalmente aceitar o outro como ele é” sinto que alcançamos esse objetivo! Sou muito feliz, e me sinto completo contigo. Te amo muito!

A todos os meus familiares, principalmente aqueles que acreditaram em mim, que me acolheram em suas casas, que sempre foram respeitosos, carinhosos e atenciosos, incentivando-me ao estudo e se preocupando com meu futuro estudantil e também pessoal. Muito obrigado!

A meu querido amigo e colega de curso Antônio Edgar de Sousa, pessoa ao qual me recebeu e auxiliou muito em Jacobina que lutou anos a frente do Diretório Acadêmico de Educação Física (DAEF), na função de presidente. Deixando muitas vezes de cuidar de seu trabalho, família e estudos ao se dedicar por melhorias para o nosso curso de Licenciatura Plena em Educação Física, Campus IV, e que com muita dedicação teve uma grande contribuição para a aprovação do reconhecimento do curso, reformulação da grade curricular, entre outras conquistas que não me vem à memória no momento. Edgar, sei o quanto você lutou a benefício de todos e por falta gratidão e reconhecimento das pessoas você se desestimulou e não esta mais a frente do DAEF. Meu amigo, sempre reconheci seus esforços para comigo e com todos dentro e fora da Universidade, você é a pessoa que mais sentirei falta no final dessa etapa que é o termino do curso, pois você é exemplar, não conteve esforços mesmo atrasando seu curso para proporcionar melhorias para uma maioria e merecia estar presente formando junto com sua turma! Meus sinceros agradecimentos e boa sorte em sua jornada.

A todos os Professores que nos acompanharam nesse longo trajeto da vida acadêmica, estes que me possibilitaram ferramentas essenciais para a obtenção do conhecimento. Em especial ao Prof. Ms. Vamberto Miranda Ferreira Filho, pessoa a qual muito devo, primeiramente pela incentivo de pesquisar o tema do referido trabalho, pela paciência, compreensão e orientações que muito contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal.

A todos os meus colegas de turma, pessoas que estiveram presentes no meio dia a dia ao longo desses quatro anos, em todos os momentos bons em resenhas, conversas, discursões acadêmicas, viagens, estágios, festas, entre outros, e momentos de difíceis entre avaliações, stress, divergências, dificuldades acadêmicas e desilusões. Agradeço a todos, sem exceção, pois me relacionei muito bem com cada um e mantive amizade do início ao fim, sinto que vocês queridos colegas me farão muita falta, mais sempre estarão presentes no meu dia a dia, pois de formas diferentes vocês modificaram e marcaram minha vida. Adoro vocês e desejo muito sucesso a todos!

A todos os amigos de infância e amigos, parceiros que surgiram ao longo do percurso universitário, que contribuíram direta e indiretamente com minha formação. Inclusive as pessoas que permaneceram nos mesmos ambientes que frequentei durante esses quatro anos de Universidade. Porque acredito que ninguém entra em nossas vidas por acaso, até mesmo pessoas que você só conviveu segundos tem extrema importância em sua vida, pois por se fazerem presentes em algum momento, mesmo que instantes, essas pessoas modificaram ou poderiam ter modificado algo em mim. E mesmo em situações felizes ou não, algum aprendizado foi obtido. Por esse motivo destaco a relevância de agradecer a todos que cruzaram o mesmo caminho que eu.

RESUMO

Este trabalho analisa os princípios do Programa de Formação Esportiva Escolar – Atleta na Escola - à luz da perspectiva teórico metodológica das abordagens críticas da Educação Física brasileira, referentes ao esporte escolar. Os objetivos deste trabalho são: Conhecer a documentação que fala sobre a criação do programa Atleta na Escola e suas características; identificar as perspectivas teóricas e metodológicas que nortearam a elaboração do programa Atleta na Escola; conhecer as abordagens críticas da Educação Física brasileira acerca do Esporte Escolar; discutir orientações das abordagens teórico - metodológicas críticas da Educação Física brasileiras referentes ao esporte escolar; e realizar a análise do Programa de Formação Esportiva Escolar de acordo com as concepções críticas da Educação Física brasileira. Para o levantamento dos dados, utilizou-se a pesquisa documental através da análise de conteúdo com uma abordagem qualitativa na busca de uma melhor compreensão e organização dos dados. Ao final da análise foi identificado que o Programa Atleta na Escola está filiado teoricamente às concepções tradicionais do esporte e focado em conceitos como competição, rendimento, talento esportivo, ou seja, o esporte é trabalhado numa perspectiva que exclui a maioria, enquanto as concepções críticas trabalham com os conceitos de cooperação, reflexão crítica e ênfase no movimento, o que faz com que essa veja o Programa como algo que deveria estar mais focado na visão da escola hoje e trabalhado de uma outra maneira, que considerasse todos os sujeitos da escola e respeitasse o projeto político pedagógico de cada uma delas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Programa Atleta na Escola; Concepções Críticas da Educação Física.

ABSTRACT

This article analyzes the principles of the Programme of Sports Training School - Athlete School - in light of theoretical and methodological perspective of critical approaches to Brazilian Physical Education regarding school sport. Our objectives are: To know the documentation that talks about the creation of the School Sport program and its features, identify the theoretical and methodological perspectives that guided the development of the School Sport program, know the critical approaches of the Brazilian Physical Education about Sport school, discuss methodological guidelines of critical theoretical approaches of Brazilian Physical Education regarding school sports, undertake analysis of the school's athletic training program in accordance with the critical insights of the Brazilian Physical Education. To gather data, we used the documentary research through content analysis with a qualitative approach in the search for a better understanding and organization of data. After the analysis it was identified that the Athlete in School Program is affiliated theoretically to traditional conceptions of sport and focused on concepts such as competition, performance, sports talent and sports are worked in a perspective that excludes the majority, while working with critical insights the concepts of cooperation, critical thinking and emphasis on movement, which makes this look at the program as something that should be more focused on the vision of the school today and worked in another way, consider that all subjects of the school and respect the political pedagogical project each.

Keywords: School Physical Education; Athletic Program at the School; Critical Concepts of Physical Education.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - ESPORTE ESCOLAR NA VISÃO DAS CONCEPÇÕES CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	16
2.1 - Contextualização da produção das concepções críticas de Educação Física	16
2.2 – Conceito de Esporte Escolar segundo as concepções críticas	22
3 - O PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR – “ATLETA NA ESCOLA”	32
3.1 – Justificativa do Programa	32
3.2 - Objetivos do Programa	33
3.3 - Programa Atleta na Escola no ano de 2013	34
3.4 - Programa Atleta na Escola no ano de 2014	36
3.5 – Exigências e princípios para participação no Programa Atleta na Escola	38
4 - O PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR – ATLETAS NA ESCOLA NA VISÃO DAS CONCEPÇÕES CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	40
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	51
ANEXO	54

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado como pesquisa para a conclusão do curso de Educação Física na Universidade do Estado da Bahia. O interesse pelo tema surgiu desde o início do curso pelo desejo de pesquisar algo relacionado a Educação Física Escolar, após a elaboração de três projetos que depois julguei não serem tão relevantes, me surgiu a oportunidade através das sugestão do Prof. Ms. Vamberto Ferreira de estudar o Programa Atleta na Escola, me despertando interesse pelo tema que estava em surgimento no contexto social em que convivo, daí então resolvi estudar a fundo o programa.

O tema do presente trabalho é a análise dos princípios do Programa de Formação Esportiva Escolar – Atleta na Escola à luz da perspectiva teórico metodológica das abordagens críticas da Educação Física brasileiras referentes ao esporte escolar.

Esse tema apresenta grande relevância social principalmente nesse período de Copa do Mundo e Olimpíadas por estimular a reflexão acerca da influência das mesmas no trabalho desenvolvido na área de Educação Física nas escolas, fundamentando a análise sobre a interferência do esporte de rendimento sobre os conteúdos, práticas e vivências do âmbito escolar. Do ponto de vista acadêmico o tema é importante, primeiro pelo seu ineditismo na reflexão acerca do recente programa Atleta na Escola e por trazer o debate teórico acerca das concepções críticas da Educação Física para a prática escolar analisando um programa criado pelo governo federal para ser aplicado nas escolas.

A Educação Física escolar lida, dentre diversas outras atividades, com competições desportivas nos diversos âmbitos. Nos próximos anos isso se tornará mais latente no Brasil por ter acontecido a Copa do Mundo de Futebol, por se aproximarem as Olimpíadas e as Paraolimpíadas e foi nesse contexto que foi criado pelo governo Federal o Programa de Formação Esportiva Escolar. Segundo o sítio do programa:

O Brasil irá sediar, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, as Olimpíadas e Paraolimpíadas. Tendo em vista este cenário esportivo ímpar na história brasileira, o Programa de Formação Esportiva Escolar surge com o objetivo de incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes de educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos (MEC, 2014).

Considerando que nunca houve esse tipo de contexto em nosso país e que é a primeira vez que um projeto federal dessa amplitude é implementado, este estudo visa analisar os princípios do Programa de Formação Esportiva Escolar-Atleta na Escola a luz da perspectiva teórico-metodológica das abordagens críticas da Educação Física Brasileira referente ao esporte escolar.

As atividades desenvolvidas na Educação Física escolar passaram por diversas mudanças no decorrer do tempo e assumem diferentes significados a depender do contexto em que sejam produzidas. Na iminência da realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas e Paraolimpíadas no Brasil, o governo decidiu investir mais nos esportes e buscar talentos nas escolas do país que pudessem suprir os espaços de competições com atletas brasileiros a curto prazo e baixo custo e nesse contexto foi criado o Programa de Formação Esportiva Escolar.

Este tipo de pesquisa se faz fundamental por analisar a criação e aplicação de programas considerando as abordagens teóricas da área e as análises feitas por pesquisadores sobre propostas semelhantes, possibilitando a utilização das mesmas em programas que serão aplicados nas escolas do país.

Para efeito de estudo, delimito o seguinte problema de pesquisa: qual a relação entre os princípios educativos do programa de formação esportiva escolar – Atleta na Escola e as orientações teórico-metodológicas das Abordagens críticas da Educação Física Brasileira que abrangem o esporte escolar?

Nesse sentido, os objetivos deste trabalho foram:

- ✚ Conhecer a documentação que fala sobre a criação do programa Atleta na Escola e suas características.

- ✚ Identificar as perspectivas teóricas e metodológicas que nortearam a elaboração do programa Atleta na Escola.
- ✚ Conhecer as abordagens críticas da Educação Física brasileira acerca do Esporte Escolar.
- ✚ Discutir orientações das abordagens teórico-metodológicas críticas da Educação Física brasileiras referentes ao esporte escolar.
- ✚ Realizar a análise do programa de formação esportivo escolar de acordo com as concepções críticas da Educação Física brasileira.

Esta pesquisa teve como referencial teórico o materialismo histórico e dialético de Marx, por considerar a construção da história como um processo dialético, influenciado pelos elementos de cada local histórico e de cada sujeito participante da pesquisa, porém, passível de análise fundamentada para servir de parâmetro a contextos semelhantes.

A perspectiva marxista se faz pertinente a essa pesquisa por considerar fundamental o contexto material em que os processos sociais são construídos e por acreditar que as pessoas influenciam o meio em que elas vivem e são influenciadas por ele, o que possibilita diferentes aplicações e resultados para um mesmo projeto.

Para Lombardi:

As pesquisas que se orientam á luz desta perspectiva visam entender os fenômenos da educação na gênese e movimento dos próprios processos históricos, ou seja, não “retratos” sem cenários como na perspectiva positivista; também não somente entendidos subjetivamente nos contextos, mas se desvelam na própria gênese e nos próprios processos históricos evidenciados constituições, permanências, mudanças que nos permitem, a título de exemplo, entender quando no estudo da educação nos damos conta de que velhas questões do tecnicismo estão recolocadas em tempos de neoliberalismo. Afinal o capital reestrutura-se e busca sedimentar-se, dentre outros meios, pela educação (LOMBARDI, 2003, p.141).

O mesmo ainda afirma que: Podemos então dizer que a concepção marxiana (materialismo histórico dialético) possibilita entender a realidade

social como constructos históricos que se referem a como o homem produz o que necessita para viver.

Por esses motivos escolhemos esse referencial teórico e acreditamos que ele irá nos ajudar a compreender os princípios do Programa de Formação Esportiva Escolar – Atleta na Escola - à luz da perspectiva teórico-metodológica das teorias críticas da Educação Física.

Esta é uma pesquisa qualitativa, que tem a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados como elementos básicos em seu processo de pesquisa. A mesma não requer o uso de métodos e técnicas estatísticos. Segundo Silva e Menezes:

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA E MENEZES, 2000, p.20).

Este estudo é uma pesquisa de natureza descritiva. Que segundo Gil, “Têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p.42). O delineamento adotado foi o de pesquisa documental, de acordo com Pádua:

É aquela realizada a partir de documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudulentos); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências; além das fontes primárias, os documentos propriamente ditos, utilizam-se as fontes chamadas secundárias, como dados estatísticos, elaborados por institutos especializados e considerados confiáveis para a realização da pesquisa (PÁDUA, 2012, p.68).

Esse delineamento de pesquisa é reafirmado e detalhado com a seguinte descrição de Gil, dizendo que:

A pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2002, p.62-3).

Para realizar a análise dos dados coletados, utilizaremos a interpretação dos dados que se baseia na análise de conteúdo de diversos formatos de documento ou de um determinado tipo específico, tais como fichas, mapas, formulários, cartas, bilhetes, fotografias, entre outros, com o objetivo de desenvolver respostas quantitativas ou qualitativas acerca de um fenômeno específico (GIL, 2009).

Nesse sentido, utilizaremos alguns princípios da análise de conteúdo. Assim, segundo Bardin as diferentes fases da análise de conteúdo, “(...) tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, 1977, p. 95). A mesma explica que a

[...] pré-análise que é a fase da organização da pesquisa, possui três missões: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p.95).

Na pré-análise dessa pesquisa utilizei os documentos disponíveis do Programa de Formação Esportiva Escolar – Projeto Atleta na Escola, realizado pelo Ministério da Defesa, Educação e Esporte nos anos de 2013 e 2014. Os documentos são:

1. Manual do Programa Atleta na Escola.

2. Cartilha do Programa de Formação Esportiva Escolar.
3. Sítio do Programa de Formação Esportiva Escolar.

Preferimos trabalhar sem hipóteses declaradas e criamos nossos objetivos, descritos acima. Quanto aos indicadores, seriam resultantes do processo comparativo entre as afirmações contidas nos documentos e a elaboração teórica dos pesquisadores das concepções críticas de Educação Física que possibilitariam a interpretação final.

No momento de exploração dos documentos, partimos para uma análise temática, que segundo Bardin “(...) consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

Na fase do tratamento de dados nos utilizamos de inferências e interpretações que partiram de afirmações dos documentos com o uso de palavras que sinalizavam uma abordagem da educação física à qual o programa estava ligado.

Essa forma de análise está fundamentada na análise de conteúdo, pois a mesma afirma que “a abordagem não quantitativa, recorre a indicadores não frequênciais susceptíveis de permitir inferências; por exemplo, a *presença* (ou a *ausência*), pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição” (BARDIN, 1977, p.114). Nesse caso, a ausência de palavras e ideias ligadas a uma concepção crítica e a presença de termos e valores ligados a uma concepção tradicional nos permitiu inferir acerca da falta de ligação dos princípios do Programa Atleta na Escola com as concepções críticas da Educação Física.

Portanto, neste primeiro capítulo foi feita uma apresentação da monografia, expondo o objeto, os objetivos e o referencial teórico e metodológico utilizados.

No segundo capítulo foi feita a exposição das ideias dos autores das concepções críticas da educação física, considerando o histórico de surgimento das mesmas.

No terceiro capítulo fizemos a abordagem do Programa de Formação Esportiva Escolar – Atleta na Escola, com o objetivo de expor suas características principais.

No quarto e último capítulo evidenciamos a ligação do surgimento do Programa Atleta na Escola com o desenvolvimento histórico da inserção do esporte na Educação Física Escolar brasileira. Expusemos os princípios encontrados na criação do programa e fizemos a análise desses princípios com as teorias críticas da educação física.

2 - ESPORTE ESCOLAR NA VISÃO DAS CONCEPÇÕES CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O presente capítulo visa expor e analisar as abordagens críticas da Educação Física contemporânea acerca do Esporte Escolar, contextualizando a sua produção e evidenciando as ideias dos principais autores.

2.1 - Contextualização da produção das concepções críticas de Educação Física

A Pedagogia Histórico-Crítica configura-se no cenário nacional como uma das tendências pedagógicas surgidas como fruto do descontentamento com as tendências educacionais vigentes no final da década de 1970 e início de 1980. Neste período histórico acontece no Brasil, por pressão popular, a abertura do Regime Militar, que durante anos governou por Atos Institucionais e destruiu a liberdade de expressão e a organização civil.

Segundo Caparroz (2007) o início dos anos de 1980 influenciou diretamente na produção teórica da Educação Física. O intenso debate político que se trava por toda a sociedade instaura-se também dentro da área, fazendo emergir um tipo de produção teórica que vai se contrapor ao que vinha sendo produzido hegemonicamente na área. Ele explica que

Até o início dos anos de 1980, há predominância dos aspectos biológicos, principalmente em relação à fisiologia e à cineantropometria, nas pesquisas realizadas, o que indica forte influência das ciências naturais. Entretanto, a partir desse período, observa-se um interesse acentuado pelas questões de ordem pedagógica e sociocultural, denotando assim a influência das ciências sociais e humana (CAPARROZ, 2007, p.20).

Nesse contexto de mudança houve destaque para o “(...) Fato que nos remete à ideia de que existe uma Educação Física *na* escola e não uma Educação Física *da* escola” (CAPARROZ, 2007, p. 15).

Esse debate acabou culminando numa crítica ao esporte de rendimento, que segundo Vaz (2009) está

[...] inserida na perspectiva histórico crítica e ligada à exigência ou valorização do mais alto desempenho nas práticas esportivas, popularizou-se no Brasil nos anos de 1980 e 1990, e tem origem em uma configuração histórica que tem como um de seus pontos fundamentais a divulgação das reflexões da New Left sobre o tema. Esse movimento, de origem, sobretudo européia, e que em algum momento tomou o esporte como tema em sua crítica radical à sociedade administrada, condenou a presença do princípio do desempenho no esporte, ou ainda o próprio esporte, por ser vetor daquele princípio. A Teoria Crítica do Esporte provocou, com contribuições de estudiosos como Bero Rigauer e Jean-Marie Brohm, entre outros, um enorme impacto na cena acadêmica européia – e parcialmente também da América do Norte- no final dos anos 1960 e início dos anos de 1970 (VAZ, 2009, p. 137-138).

É importante observar ainda que “pelo menos parcialmente, a Nova Esquerda retoma e atualiza críticas que o movimento operário alemão já havia feito ao esporte, nas décadas 1920 e 1930” (VAZ, 2009, p. 138).

Em linhas muito gerais, a Teoria Crítica do Esporte, estreitamente ligada a uma crítica ao capitalismo, procura mostrar a correspondência estrutural e a identificação conceitual entre esporte e trabalho, sobretudo no que se refere aos processos de racionalização. O trabalho junto à linha de produção seria uma imagem correspondente àquele do atleta submetido aos princípios do treinamento esportivo, às repetições coordenadas das calculadas cargas de esforço. Para Vaz (2009)

Nesse contexto, poderia ser dito que o esporte reproduz a lógica do trabalho, reforçando seu caráter de mercadoria, de reificação e de disseminador de ideologia. Além disso, seria ele repressivo, canalizando energias pulsionais potencialmente libertadoras, para fins que perpetuariam a dominação individual e de classe (VAZ, 2009, p. 138-139).

Bracht (2009), ao analisar a incorporação do esporte de rendimento enquanto elemento da Educação Física, afirma que o mesmo

[...] foi colocado sob suspeita a partir das teorias da reprodução, desenvolvidas no âmbito da sociologia da educação e que enfatizavam o papel conservador do sistema educacional nas sociedades capitalistas. A EF ao fazer do esporte de rendimento seu objeto de ensino e mesmo abrindo o espaço escolar para o desenvolvimento desta forma de realizar o esporte, acabava por fomentar um tipo de educação que colaborava para que os indivíduos introjetassem valores, normas de comportamento conforme e não questionadores do sistema societal (BRACHT, 2009, p. 13 e 14).

Portanto, ele também associa a crítica ao Esporte de Rendimento a uma crítica a sociedade capitalista e afirma ainda que

[...] o esporte de rendimento traz na sua estrutura interna, os mesmos elementos que estruturam também as relações sociais de nossa sociedade: forte orientação no rendimento e na competição, seletividade via concorrência, igualdade formal perante as leis ou regras, etc (BRACHT, 2009, p. 13 e 14).

Bracht (2009) faz questão de destacar que “colaboraram para o desenvolvimento de uma visão crítica do esporte também a sociologia crítica do esporte que ganha enorme impulso nas décadas de 70 e 80” (BRACHT, 1997 apud BRACHT, 2009). Isto tudo teria levado as pedagogias críticas da EF, nascentes naquele momento (década de 80), a repensar a relação que a EF deveria ter com o esporte (de rendimento).

Bracht (2009) ressalta ainda que o esporte, enquanto fenômeno cultural, foi assimilado pela Educação Física, inicialmente, sem que isto modificasse a visão hegemônica de sua (da Educação Física) função social (desenvolvimento da aptidão física e do "caráter"), mas, paulatinamente, o esporte se impõe à Educação Física, ou seja, instrumentaliza a Educação Física para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. Este processo não vai ser acompanhado de uma reação crítica da área, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização da Educação Física, que passa a ser sinônimo do esporte na escola. A reação se deu tardiamente, como já observado, na década de 80.

Portanto, o Esporte teria sido inserido na Educação Física muito antes de se levantar qualquer reflexão sobre as questões sociais, políticas e econômicas embutidas na forma de praticá-lo.

Stigger (2009) também ressalta a ligação das análises críticas sobre o esporte no Brasil com a abertura política ocorrida no mesmo e reforça que “Na década de 1980, (...) surgiram várias análises críticas sobre o esporte, sustentadas em referências das ciências sociais que eram inseridas nas discursões da área” (STIGGER, 2009, p.108).

O Coletivo de Autores (1992), obra organizada para empreender uma reflexão ampla acerca da Educação Física, aponta o mesmo período da década de 80 como momento de reflexão acerca “(...) de uma crítica a sua função sócio-política conservadora no interior da escola” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.33).

Essa obra declara como sendo seu objetivo oferecer aos professores de Educação Física um referencial teórico capaz de orientar uma prática docente comprometida com o processo de transformação social.

Kunz (2006) faz uma abordagem mais específica acerca desse histórico do surgimento das concepções críticas da Educação Física no Brasil, reafirmando os anos 80 como época fundante da crítica e ligando-a a uma

[...] denúncia, sobre a hegemonia e o modelo de esporte praticado nas escolas pela Educação Física. Uma das críticas era fundamentada em modelos teóricos de tendência marxista, que viam no fomento do esporte uma sequencia, até mais rigorosa, do processo de alienação e reificação do homem que já acontecia na sociedade, especialmente com a classe trabalhadora, na relação com o poder econômico de uma elite. Assim, são conhecidos os trabalhos de João P. Medina, Vitor M. Oiveira, Kátia Cavalcanti, Valter Bracht, Celi N.F. Taffarel, entre outros, que apresentam análises nessa linha de denúncia (KUNZ, 2006, p.16).

Kunz (2006) nos apresenta acima essa crítica no Brasil estando diretamente relacionada ao pensamento marxista e indica alguns dos primeiros autores a se envolverem tenazmente com essa temática.

Nesse contexto Assis de Oliveira (2010) destaca a importância do “lançamento, em setembro de 1994, da revista *Movimento*, editada pela Escola

de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trouxe mais uma vez ao debate acadêmico a pergunta: o que é educação física?” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p. 09). Ele afirma que a partir de dois artigos iniciais, o debate prosseguiu em dois dos três números seguintes, totalizando oito artigos, todos devidamente tratados na seção “Temas Polêmicos”. Essa revista foi um importante instrumento de difusão de novas ideias e pesquisas desenvolvidas em nível de pós-graduação e foi fundamental para a ampliação dos debates acerca das concepções críticas da Educação Física no país.

Kunz (2006) aborda ainda outro modelo de crítica que se dirige, especialmente, ao processo de aprendizagem dos esportes no âmbito escolar e questiona a precocidade do ensino das modalidades esportivas para crianças das séries iniciais. Ele afirma que:

Essa crítica coincide, naturalmente, com as discussões em torno da implantação da obrigatoriedade da educação Física em todos os níveis e com profissionais qualificados, ou seja, professores de educação Física. Este último aspecto, dos profissionais qualificados, não era exigência para as séries iniciais (de primeira a quarta série). Quando essas séries eram de fato atendidas por um profissional de educação Física este, por sua formação profissional excessivamente concentrada no ensino dos esportes no modelo de competição, não tinha condições de ensinar outra coisa além do esporte nesse modelo (KUNZ, 2006, p.16).

Havia ainda, segundo Kunz (2006), uma limitação imposta pela legislação da Educação Física Escolar emitida pelo MEC (1980) que proibia a introdução do aluno no aprendizado dos esportes na forma de iniciação à competição antes da quinta série, ou antes, dos dez anos de idade. Para solucionar essa questão se descobriu, mais uma vez no exterior, um modelo de Educação Física adequado ao que se estava procurando, ou seja, que atende à formação das habilidades básicas nas crianças sem envolvê-las demasiadamente no processo de treinamento de uma modalidade desportiva. Foi assim que, por muitos anos, a psicomotricidade conseguiu atrair o interesse de muitos professores de Educação Física. A psicomotricidade tinha uma clara tendência à educação integral do indivíduo, considerada alcançável somente quando o ensino pelo movimento fizer parte do processo educacional, embora com isso, a tentativa do ensino pelo movimento se restringisse a

“instrumentalizar o movimento com vistas às tarefas fundamentais da escola” (KUNZ, 2006, p.16-17).

A diferença entre essas duas formas de crítica, explica Bracht (2009), é de que a primeira questionava, criticava e dava a entender que tudo estava errado na Educação Física e nos Esportes sem, no entanto, fornecer elementos para mudança prática e a segunda se preocupou justamente com a apresentação de um modelo alternativo sem questionamentos profundos, especialmente, sobre a relevância sócio-política e educacional dessa alternativa.

Segundo Kunz (2006), somente nos últimos dois anos, o primeiro grupo de críticos do esporte e da Educação Física (anteriormente mencionado) apresenta, também, propostas para uma prática coerente com seus pressupostos teóricos.

Bracht (1999) denomina esse contexto de surgimento da crítica acerca do esporte na Educação Física de “(...) movimento renovador da EF brasileira na década de 1980” (BRACHT, 1999, p.77). Para ele o primeiro momento dessa crítica tinha um viés cientificista. Ele explica:

Por esse viés, entendia-se que faltava à EF ciência. Era preciso orientar a prática pedagógica com base no conhecimento científico, este, por sua vez, entendido como aquele produzido pelas ciências naturais ou com base em seu modelo de cientificidade. O desconhecimento da história da EF fez com que não se percebesse que esse movimento apenas atualizava o percurso e a origem histórica da EF e, portanto, que ele não rompia com o próprio paradigma da aptidão física. Nesse período vamos assistir à entrada em cena também de outra perspectiva que é aquela que se baseia nos estudos do desenvolvimento humano (desenvolvimento motor e aprendizagem motora). (BRACHT, 1999, p.77).

Bracht (1999) ressalta ainda que a partir da década de 1970, no mundo e no Brasil, passa a constituir-se mais claramente um campo acadêmico na/da EF, campo este que se estrutura a partir das universidades, em grande medida em virtude da importância da instituição esportiva, já em simbiose com a EF. O discurso (neo) cientificista da EF visava também à legitimação desta no âmbito universitário.

A Educação Física, como participante do sistema universitário brasileiro, acabou por incorporar as práticas científicas típicas desse meio. Uma das consequências foi a busca de qualificação do corpo docente dos cursos de graduação e em programas de pós-graduação, inicialmente no exterior, mas também, e crescentemente, no Brasil. Um grupo desses docentes optou por buscar os cursos de pós-graduação em educação no Brasil. Principalmente com base nessa influência, o campo da EF passou a incorporar as discussões pedagógicas nas décadas de 1970 e 1980, muito influenciadas pelas ciências humanas, principalmente a sociologia e a filosofia da educação de orientação marxista.

O eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da educação, e da Educação Física em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe.

Para Bracht (1999), o quadro das propostas pedagógicas em EF apresenta-se hoje bastante mais diversificado. Embora a prática pedagógica ainda resista a mudanças, ou seja, a prática acontece ainda balizada pelo paradigma da aptidão física e esportiva, várias propostas pedagógicas foram gestadas nas últimas duas décadas e se colocam hoje como alternativas.

Conheceremos essas propostas no próximo item que fala especificamente de questões metodológicas e conceituais.

2.2 – Conceito de Esporte Escolar segundo as concepções críticas

As propostas que serão abordadas aqui têm em comum o fato de se vincularem a uma teoria crítica da educação, no sentido de fazer da crítica do papel da educação na sociedade capitalista uma categoria central. Essas propostas derivam-se, portanto, das discussões da pedagogia crítica brasileira.

Nesse tópico serão descritas as concepções críticas defendidas pelos seguintes teóricos: Valter Bracht (2003), Reiner Hilderbrandt (2009), Coletivo de Autores (1992), Elenor Kunz (2006), Sávio Assis de Oliveira (2010), Marco Paulo Stigger & Hugo Lovisoló, 2009 (orgs.), Tarcísio Mauro Vago (1996) apresentando suas propostas críticas de forma resumida, conceituando

especificamente o que os autores discutem sobre o esporte escolar, na visão de suas perspectivas análises.

Bracht (2003) nos expõe um pouco da forma que o esporte assumiu na cultura capitalista, descrevendo como tendo “suas características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, *reccord*, racionalização e cientificização do treinamento” (Bracht, 2003, p.14).

Dentro desse contexto, ele propõe:

Portanto, o que a pedagogia crítica em EF propôs/propõe, não é a abolição do ensino de técnicas, ou seja, a abolição da aprendizagem de destrezas motoras esportivas. Propõe sim, o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte (BRACHT, 2009, p.15).

Haveria, portanto, a necessidade de se refletir acerca do esporte dentro da escola para que sejam construídos novos sentidos para o mesmo, criando com isso um novo esporte. Ele destaca ainda que

[...] o esporte na escola, ou seja, o esporte enquanto atividade escolar só tem sentido se integrado ao projeto pedagógico desta escola. Como consequência é necessário analisar o quadro das concepções pedagógicas e fazer opções. É preciso analisar o tipo de educação possível a partir de cada uma das manifestações do esporte, integrando estas análises discursiva e praticamente na concepção pedagógica eleita (BRACHT, 2009, p.18-19).

A reflexão acerca do esporte, nesse contexto, deve estar presente no momento de elaboração do projeto pedagógico da escola, pois está inserida na própria concepção de educação adotada.

Bracht (2009) é bem mais específico quando afirma que:

Portanto, o esporte tratado e privilegiado na escola pode ser aquele que atribui um significado menos central ao rendimento máximo e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento

possível e a cooperação. Mas, como sabemos da sociologia do currículo, esta escolha depende da correlação de forças entre os diferentes interesses sociais. Não é mera coincidência que a escola, principalmente a privada, "desiste" das aulas de EF e promove as escolinhas de esporte (Bracht, 2009, p.19-20).

Na citação acima ele destaca as funções políticas e econômicas embutidas nessa prática e que essa escolha será resultado do embate de diferentes forças.

Hilderbrandt (2009) coloca-nos o que seria o significado do esporte numa visão tradicional de Educação Física ao afirmar que “ocupar-se com o esporte geralmente significa, na Educação Física tradicional, apropriar-se das modalidades institucionalizadas e otimizar as formas padronizadas do movimento (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p. 17). Mas, ele faz imediatamente a ressalva acerca de como deveria ser, de acordo com sua concepção:

Para a área da Educação Física escolar, porém, a questão do esporte, como conteúdo central de nossa disciplina, deve ser formulada de outra maneira. O conteúdo – o esporte, a cultura de movimento existente – não é inequívoco e inalterável. Ele deve ser sempre recriado e individualmente estruturado. Isso acontece mediante o ato de movimentar-se e não pelo simples imitar e assumir movimentos normativos preexistentes. O movimento dialógico – é que produz a figura do movimento individual e com isso dá-lhe sentido. Se na Educação Física, for tomado como referência o esporte tradicional, deve-se assumir a intenção do movimento e não a forma de movimento como norma geral (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p. 17-18).

A Educação Física se tornaria mais reflexiva de acordo com essa perspectiva. Ele destaca ainda sobre os esportes que

Esses e as crianças devem ser promovidos no desenvolvimento de sua personalidade através do jogo, do esporte e do movimento. Para que essas ideias possam ser realizadas, é necessário configurar o esporte escolar e a educação Física como “Esporte Escolar Educativo” e “Educação Física Educativa” (HILDERBRANDT STRAMANN, 2009, p. 58-59).

Seria necessário, portanto, que o esporte fosse repensado na escola de forma a contribuir para a formação dos indivíduos de forma ampla e complexa. Mais ou menos na mesma linha, temos a obra de Coletivo de Autores (1992) que vem apontar o

Esporte, enquanto tema da cultura corporal, é tratado pedagogicamente na Escola de forma crítico-superadora, evidenciando-se o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio-histórico (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 26).

Dentro dessa perspectiva de criação de uma metodologia para se trabalhar o esporte na escola numa visão mais dinâmica temos a concepção de Escola Móvel, que é trabalhada na Alemanha e exposta por Hilderbrandt como uma escola “(...) que é orientada para crianças, deve oferecer-lhes, no verdadeiro sentido da palavra, espaços para o movimento e para os jogos, para que eles possam fazer esses tipos de experiência” (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p. 125).

Nessa proposta de escola móvel o movimento, a ação, são colocados como centro do processo e “Uma legitimação teórica para esta posição pode ser encontrada nas teorias psicológicas de desenvolvimento de Piaget” (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p. 125).

Portanto, “[...] a escola deve se propor a ser um espaço de movimento, em que *não se pode restringir o jogo, o esporte e o movimento apenas à Educação Física, mas estendê-los a toda a escola. Trata-se de uma ‘Escola Móvel teórica e prática’*” (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p.58).

Hilderbrandt compara a Escola Móvel a uma casa que “só pode ser construída quando existe um alicerce. Neste alicerce encontram-se os fundamentos da Escola móvel. Destes, dois elementos são significantes: ‘Movimento e Desenvolvimento Humano’ e ‘Movimento e Aprendizagem’” (HILDERBRANDT STRAMANN, 2009, p.124).

Estes fundamentos têm como importante pressuposto o movimento que deve estar diretamente associados à aprendizagem. Hilderbrandt finaliza a exposição:

Sobre os fundamentos citados podem ser colocados os outros componentes da construção da casa. Podem ser diversos componentes. Estes componentes determinam o perfil da escola, eles representam os conteúdos do programa escolar. Importante é que os professores, alunos e pais decidam quais componentes devem caracterizar este programa escolar. Na minha imagem da casa, o programa escolar é constituído pelas paredes externas que protegem os diferentes componentes da construção e o teto simboliza a vida escolar. A garantia para uma escola móvel são as experiências de movimento que os alunos podem fazer em sua vida escolar (HILDERBRANDT STRAMANN, 2009, p.124).

Ainda segundo Hilderbrandt, “Numa escola móvel, as aulas de educação física não se tornam, de maneira alguma, supérfluas. Pelo contrário: elas são o núcleo das aulas da escola móvel” (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p.129). Mas o ponto de partida não é o esporte com suas técnicas de movimento, mas o diálogo subjetivo da criança com o seu meio-ambiente, diálogo mantido entre “corpo e movimento”. “Para a aula de educação física, isso significa abrir-se para os temas do movimento das crianças. Oferecer-lhes formas de intermediação, incentivando a realização de suas próprias áreas temáticas” (HILDERBRANDT-STRAMANN, 2009, p.129).

Nessa escola, o movimento seria um foco fundamental e todos os professores precisariam estar envolvidos no processo e preparados para trabalhar dessa forma, portanto, essa concepção não deve estar restrita à área da Educação Física, mas apresentar-se como um componente que faz parte de todo o processo pedagógico.

Existe, portanto, um consenso entre os autores até agora apresentados de que existe necessidade de se tratar o Esporte na escola de forma crítica, auxiliando na formação do cidadão histórico crítico. Outro aspecto destacado é que essa forma de trabalhar o esporte não tem a pretensão de abolir os elementos técnicos. Nas palavras do Coletivo de Autores (1992) “esta forma de organizar o conhecimento não desconsidera a necessidade do domínio dos elementos técnicos e táticos, todavia não os coloca como exclusivos e únicos conteúdos da aprendizagem” (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 26). A questão, portanto, é não permitir que os aspectos técnicos e táticos sejam o fim principal e exclusivo do Esporte na Escola. Para eles essa predominância

desses aspectos, faz com que tenhamos “não o esporte da escola mais sim o esporte na escola” (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 37). E isso implica na escola não cumprir sua função de formação do ser humano através da reflexão, no âmbito da Educação Física.

Os autores são ainda mais explícitos quando afirmam que:

Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 49).

Kunz (2006) traz importantes elementos para criticar a forma tradicional de se trazer o esporte de rendimento para a escola e afirma:

O esporte ensinado nas escolas enquanto uma cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a maioria (KUNZ, 2006, p. 125).

E ressalta que “Esse fomento de vivências de insucesso ou fracasso, para crianças e jovens em um contexto escolar é, no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor” (KUNZ, 2006, p. 125).

Temos aí um claro posicionamento da importância de o professor não trazer de forma irrefletida esse esporte de rendimento para a escola pelo fato de que o mesmo seria uma ação altamente reprovável. Ele atribui sérias consequências posteriores à formação do indivíduo afirmando que

O esporte de rendimento segue os princípios básicos da “sobrepujança” e das “comparações objetivas”, os quais permanecem inalterados mesmo para os esportes praticados na escola onde por falta de condições ideais o rendimento não se constitui no objetivo maior da aula. Este é um dos motivos que contribui para que o ensino dos esportes, também, venha a influenciar as crescentes “perda de liberdade” e “perda da sensibilidade” do ser humano, pelo

“racionalismo” técnico-instrumental das sociedades industriais modernas (KUNZ, 2006, p. 125).

Na citação acima Kunz (2006) ressalta a ligação existente entre as características de formação do esporte de competição e a visão de mundo capitalista.

Ainda de acordo com os demais teóricos da visão crítica do esporte na escola Kunz (2006) destaca que “torna-se uma imperativo uma transformação didático-pedagógica para torna-lo uma realidade educacional potencializadora de uma educação crítico emancipatória” (KUNZ, 2006, p. 126). E propõe o esporte como um objeto de estudo da prática escolar.

Kunz (2006) aponta caminhos para tornar uma prática essa nova visão do esporte ao sugerir que numa concepção crítico-emancipatória, “deverão ser incluídos conteúdos de caráter técnico-prático que além de tomar fenômeno esportivo transparente”. Isso permitiria aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades. Ele destaca, assim, como os demais autores propostos, que as habilidades e técnicas nunca deixam de ser importantes, mas devem ser considerados dois outros aspectos que, em muitas instâncias são mais importantes:

Trata-se de interação social que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizado e enquanto objetivo educacional que valorize o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. E quando este processo se desenvolve sob a orientação de uma didática comunicativa, o outro aspecto importante a ser considerado é a própria linguagem. Na Educação Física a tematização da linguagem, enquanto categoria do ensino, ganha importância maior, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o “ser corporal” do sujeito se torna linguagem, a linguagem do “se-movimentar” enquanto diálogo com o mundo (KUNZ, 2006, p. 37).

Esses autores, além de apresentar justificativas teóricas para sua crítica ao esporte de rendimento aplicado sem reflexão na escola, apontam

ainda caminhos metodológicos através da indicação de quais caminhos devem ser valorizados, além das técnicas já tão difundidas.

Assis de Oliveira (2010) também se ocupou de uma visão crítica acerca do trabalho com o esporte na escola e reafirma a ligação do esporte de rendimento com o capitalismo, conforme já exposto nesse trabalho, afirmando que existe a intenção de formar o “corpo dócil e disciplinado, apolítico, acrítico e alienado” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p.16).

Assis de Oliveira (2010) traz ainda uma grave questão para essa reflexão quando afirma que “Hoje, não só o esporte é o conteúdo exclusivo ou prioritário para a organização das aulas, como também outras formas culturais vão sendo esportivizadas por meio da realização de competições, da uniformização de regras etc” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p.16). Isso é bastante delicado, pois é uma denúncia da utilização dos usos capitalistas feitos pelo esporte de rendimento na escola expandido a outras formas culturais. Assis de Oliveira (2010) propõe então uma

[...] reinvenção do esporte. E pensar o esporte da escola, a partir de uma visão crítica em relação aos códigos, valores e sentidos fundamentais da sociedade capitalista, implica reconhecer a necessidade e a possibilidade de pensa-lo à luz de um determinado projeto político-pedagógico, que aponta para a construção de uma sociedade baseada em outros códigos, valores e sentidos (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p. 20).

Temos aí mais uma vez um destaque ao papel do projeto pedagógico da escola enquanto instrumento de desmistificação do esporte de rendimento em suas consequências diretas na formação do indivíduo. Assis de Oliveira (2010) traz ainda sugestões metodológicas ao afirmar que

A escola, entendida como espaço de invenção, é um local privilegiado de construção de um “novo esporte”, que surge das críticas ao “velho esporte” e, contraditoriamente, do imenso fascínio que ele exerce sobre adultos e crianças, com a institucionalização de temas lúdicos, e das possibilidades emancipatórias com que ele possa se configurar (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p. 22- 23).

Stigger (2009) é outro autor que vem nessa linha da defesa de um novo esporte na escola e afirma abertamente:

Associo-me aqueles que identificam aspectos negativos na mera reprodução do esporte de rendimento na realidade escolar e que, em síntese, acreditam que a escola é um lugar privilegiado para a transmissão de conhecimentos e hábitos historicamente construídos pelos seres humanos, assim como para a formação de cidadãos conscientes, críticos, criativos e participativos (STIGGER, 2009, p. 123).

Stigger (2009) afirma que “o papel da escola no que se refere ao esporte é reconhecer a sua evidencia social e, por essa razão, considerar que a instituição escolar não pode ficar (e não tem ficado) alheia a esse importante fenômeno sociocultural” (STIGGER, 2009, p. 123). E destaca o papel especial da escola na formação das futuras gerações e propõe: “Nesse sentido, a educação física constitui-se como uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tem o papel de tematizar – entre outros conteúdos da denominada cultura corporal – essa forma particular de atividade física” (STIGGER, 2009, p.123-124).

Vago também oferece alternativas para o trabalho com o Esporte na Escola e afirma que a escola pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas praticadas, “[...] estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, intervindo na história cultural da sociedade” (VAGO, 1996, p.04). Afirma ainda que

Assim, diferentemente de uma negação radical do "esporte da escola" pelo "esporte na escola", considero ser frutífero para a Educação Física avançar no sentido de construir uma relação de tensão permanente entre eles. Uma relação de tensão permanente que se estabeleça entre uma prática de esporte produzida e acumulada historicamente e uma prática escolar de esporte (a cultura escolar de esporte) (VAGO, 1996, p.10).

Nesse ponto de vista a escola seria a produtora de uma cultura ligada ao esporte e não simples consumidora de uma cultura já criada em outros espaços. E sugere:

A escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz uma outra forma de apropriação do esporte, produz um outro conhecimento acerca do esporte. Enfim, produz uma outra prática cultural de esporte. Com ela, a escola vai tensionar com os códigos dominantes da sociedade agregados ao esporte (principalmente com a exclusão da prática cultural de esporte a que a ampla maioria dos alunos é submetida e com a idéia de rendimento e performance que predominantemente orientam o seu ensino na escola). (VAGO, 1996, p.12).

Vago traz, portanto, uma proposta de como deve ser trabalhado o esporte na escola, criando-se o esporte da escola.

Pudemos observar na exposição acima que existe um consenso entre esses autores acerca da necessidade de se repensar a prática do esporte na escola, sem excluir a parte técnica, mas focando na reflexão acerca da cultura corporal, do movimento e na ênfase para a formação do sujeito histórico-crítico que deve praticar o esporte (ou não) em sua vida pós-escolar, tendo condições de compreender aspectos históricos, econômicos e culturais ligados ao mesmo, deixando de ser um mero reproduzidor daquilo que vê e ouve, nos mais diversos ambientes.

No próximo capítulo iremos conhecer o Programa de Formação Esportiva Escolar – Atleta na Escola, seu contexto de surgimento e suas características para, em seguida, analisar os parâmetros do mesmo de acordo com os princípios citados e expostos acima.

3 - O PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR – “ATLETA NA ESCOLA”

Neste capítulo abordaremos o Programa Atleta na Escola, objeto de nossa análise na monografia. Expomos aqui o histórico do programa, suas características, objetivos, formas de implantação e princípios, cumprindo um dos objetivos específicos dessa monografia que é conhecer a documentação que fala sobre a criação do programa Atleta na Escola, seu histórico e suas características.

3.1 – Justificativa do Programa

A criação do Programa Atleta na Escola foi justificada pelo Governo Federal devido à aproximação dos grandes eventos esportivos que o Brasil sediará nos próximos anos e conseqüente necessidade de haver maior participação dos brasileiros nos mesmos.

Segundo as palavras de representantes do governo que explanaram o programa em um sítio criado para difundi-lo e produziram um manual do programa:

O Brasil irá sediar, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, as Olimpíadas e Paraolimpíadas. Tendo em vista este cenário esportivo ímpar na história brasileira, o Programa de Formação Esportiva Escolar surge com o objetivo incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes de educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos. (MEC, 2014).

Ainda segundo os representantes do governo, faz-se necessário esse programa, pois apesar das competições escolares já existirem há muitos anos, a Etapa Escolar nunca fez parte do processo de classificação para a Etapa Nacional dos Jogos Escolares e este fato afastou a participação de um grande

número de interessados. Para corrigir esta falha e democratizar o acesso dos jovens ao esporte, garantindo assim o dever constitucional do direito universal à prática do esporte, o MEC e o ME decidiram pela proposição e financiamento da Etapa Escolar e o apoio supletivo para as etapas classificatórias seguintes.

Ainda como forma de justificar a criação do programa, o Manual do Programa Atleta na Escola 2013, cita a Constituição Federal de 1988, segundo a qual é dever do Estado incentivar a prática de esportes e assegurar a destinação de recursos visando o desenvolvimento dessas atividades e a captação de novos talentos, sendo inclusive, o esporte, considerado como forma de promoção social.

Mesmo a Constituição tendo sido criada em 1988, somente com a emergência da realização de eventos internacionais despertou nos governos o interesse de investir na formação esportiva, fazendo-a a través destes projetos de curto prazo e imediatistas.

3.2 - Objetivos do Programa

De acordo com o artigo publicado no sítio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE (2013), o programa de Formação Esportiva Escolar pretende democratizar o acesso ao esporte desde a escola, incentivar a prática esportiva nas escolas e identificar e orientar jovens talentos escolares. O Atleta na Escola também tem como objetivo servir de base para o plano Brasil Medalhas, investimento de R\$ 1 bilhão em ações para que o país fique entre os dez melhores colocados nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Para reafirmar o que o artigo abordado, cito através do Manual Atleta na Escola em 2013, também disponível no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, que diz:

O Programa Atleta na Escola, integrante do plano de ações do Programa Dinheiro Direto na Escola Qualidade, visa:

1. Difundir a prática desportiva entre os estudantes brasileiros;

2. Desenvolver valores olímpicos e paraolímpicos entre os jovens e adolescentes;
3. Favorecer a identificação de jovens talentos numa perspectiva de formação educativa integral que concorra para a elevação do desempenho escolar e esportivo dos alunos.

Justifica a viabilidade do programa, segundo o Ministro Aloizio Mercadante: “O esporte é importante para a formação dos estudantes e a escola é um espaço para o Brasil desenvolver o potencial esportivo. O programa começa com corrida de velocidade e resistência e salto em distância e depois serão incorporadas novas modalidades esportivas, para que nós tenhamos condição na escola para todos que quiserem fazer um esporte”, disse o ministro.

No ano seguinte após a expandir o projeto, o Ministério da Educação - MEC (2014), disponibiliza em seu sítio o Programa Atleta na Escola com os mesmos objetivos do ano anterior.

Nesse mesmo artigo encontrado no sítio do Programa Atleta na Escola o Governo Federal justifica a criação do projeto, ao citar que:

A percepção do Governo Federal é que apesar das competições escolares já existirem a muitos anos, a Etapa Escolar nunca fez parte do processo de classificação para a Etapa Nacional dos Jogos Escolares e este fato afastou a participação de um grande número de interessados. Para corrigir esta falha e democratizar o acesso dos jovens ao esporte, garantindo assim o dever constitucional do direito universal a prática do esporte, o MEC e o ME decidiram pela proposição e financiamento da Etapa Escolar e o apoio supletivo para as etapas classificatórias seguintes (MEC, 2014).

3.3 - Programa Atleta na Escola no ano de 2013

O Governo Federal em parceria com os Estados, Distrito Federal, Municípios, Escolas públicas e privadas e as Confederações Brasileiras de Atletismo. Com o intuito de alcançar os objetivos expostos acima, apresentam o Programa Atleta na Escola 2013.

Segundo dados encontrados no sítio do Ministério da Educação - MEC, o Programa de Formação Esportiva Escolar - Atleta na Escola, uma iniciativa

do Governo Federal, foi lançado em maio de 2013 e nesse período teve a adesão das Secretarias de Educação dos 26 estados e do Distrito Federal, de 4.554 municípios e de 22,9 mil escolas.

De acordo com a mesma fonte, no dia 07 de Maio de 2013, houve uma cerimônia/reunião entre os Ministérios da Educação, da Defesa e do Esporte, com o intuito de difundir a prática esportiva entre os estudantes brasileiros. Na referida data lançaram o programa Atleta na Escola. O programa de formação esportiva escolar que têm como meta a participação de cinco milhões de estudantes entre 12 e 17 anos de vinte mil escolas. Participaram da cerimônia os ministros da Educação, Aloizio Mercadante, e dos Esportes, Aldo Rebelo.

No ano de 2013, de acordo com a Cartilha do Programa, este trabalhou apenas com a modalidade Atletismo, nas provas de velocidade, resistência e salto em distância. A seleção dos atletas era dividida em duas grandes ações, descritas a seguir:

Jogos Escolares – para possibilitar a identificação de talentos escolares e Núcleos de Esporte Escolar – que acolherão os talentos identificados para o treinamento e desenvolvimento esportivo. A Ação Jogos Escolares é composta por quatro fases: escolar, municipal-regional, estadual e nacional. Nesta ordem, cada fase é classificatória para a fase posterior. Serão selecionados os melhores atletas de cada fase para participar das fases seguintes. (MEC, 2013).

Esta Cartilha (do Programa de Formação Esportiva Escolar, 2013), especifica cada fase: escolar, municipal-regional e estadual, *onde na fase escolar* serão classificados os três melhores atletas escolares, por faixa etária, gênero e prova, para participar da fase municipal-regional. A fase escolar é o grande desafio do Programa, pois nela existe a expectativa da participação de cinco milhões de estudantes entre 12 e 17 anos de idade. Na fase municipal-regional, serão classificados os três melhores atletas escolares, por faixa etária, gênero e prova, para participar da fase estadual. Nesta fase, o grande desafio é incentivar a participação de 70% dos municípios brasileiros. E na fase estadual, serão classificados os dois melhores atletas escolares, por faixa etária, gênero e prova, para participar da fase nacional. Nesta fase, o grande desafio é incentivar a participação de todos os estados brasileiros.

O sítio do FNDE (2013) complementa informações sobre o lançamento do Programa Atleta na Escola, trazendo dados sobre algumas propostas:

Entre as ações propostas está a realização dos Jogos Escolares, que serão divididos em quatro etapas. A primeira fase será realizada em cerca de 20 mil escolas até o dia 9 de julho. A segunda etapa, de 10 de junho a 31 de julho de 2013, será realizada pelos municípios com mais de 100 mil habitantes ou para um grupo de municípios com menos 100 mil habitantes, pelos estados e Distrito Federal. Cada município ou região classifica 36 alunos, com totalizando 14.400 classificados. A terceira fase, até 15 de agosto (12 a 14 anos) e 30 de setembro (15 a 17 anos), de caráter estadual ou distrital, cada unidade da federação classifica 24 alunos, totalizando 648 classificados para a etapa nacional. Os Jogos Escolares da Juventude, competição nacional, será realizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro. Para os estudantes de 12 a 14 anos, acontecerá de 5 a 14 de Setembro de 2013, em Natal. Para faixa etária de 15 a 17 anos, a disputa será realizada de 7 a 16 de Novembro de 2013, em Belém (FNDE, 2013).

3.4 - Programa Atleta na Escola no ano de 2014

No ano de 2014 o Programa de Formação Esportiva Escolar trouxe mais aparato ao projeto, com modificações visíveis em relação à ampliação do Programa, voltado não só para as Olimpíadas e Copa do Mundo, como também para as Paraolimpíadas, agora com um maior suporte de informações sobre o mesmo, como podemos visualizar no sítio do projeto a exemplo da apresentação a seguir:

O Brasil irá sediar, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, as Olimpíadas e Paraolimpíadas. Tendo em vista este cenário esportivo ímpar na história brasileira, lançou-se em 2013 o Programa Atleta na Escola que tem como objetivo incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes da educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos (MEC 2014).

Dados encontrados no sítio do Programa de Formação Esportiva Escolar em 2014, o Governo Federal em parceria com os Estados, Distrito

Federal, Municípios, Escolas públicas (privadas e federais), Comitê Olímpico e Paraolímpico Brasileiro e as Confederações Brasileiras de Atletismo, Judô e Voleibol, com o intuito de alcançar os objetivos expostos, apresentam o Programa Atleta na Escola 2014 que este ano agregou novas modalidades.

Tendo como modalidades Olímpicas: Judô, Voleibol e Atletismo. Na modalidade Atletismo acrescentou-se o Arremesso de Peso. E também modalidades Paraolímpicas: Atletismo Bocha, Futebol de Cinco (deficiência visual), Futebol de Sete (paralisia cerebral), Goalball, Judô, Natação, Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas e Voleibol Sentado.

O Programa Atleta na Escola que tem como coordenador Renausto Amanajas, da diretoria de formação e conteúdos educacionais da Secretaria de Educação Básica do MEC. De acordo às informações do sítio cada escola participante receberia uma verba fixa de mil reais e mais três reais por aluno inscrito. O objetivo foi levar o programa aos 5.564 municípios e a 40 mil escolas que tenham registrado, no censo escolar de 2013, alunos de 12 a 17 anos de idade, independente da série que cursam.

Foram mantidas as duas grandes ações: os Jogos Escolares que são as competições compostas de várias etapas que proporcionarão uma grande participação de atletas escolares. E o Centro de Iniciação Esportiva que consiste no acolhimento dos talentos esportivos identificados nos Jogos Escolares.

A ação *Jogos Escolares* do programa ATLETA NA ESCOLA tem financiamento para as Etapas Escolar, Regional e Estadual. A intenção é apoiar o desenvolvimento prioritário das modalidades do programa e proporcionar um apoio inédito a realização da Etapa Escolar e um apoio supletivo às competições escolares que já acontecem nos Estados e que são seletivas da Etapa Nacional (Jogos Escolares da Juventude e Paraolimpíadas Escolar) (MEC 2014).

Portanto, o Programa Atleta na Escola até então foi programado e executado por dois anos e iremos analisá-lo a partir dos dados referentes a esse período.

3.5 – Exigências e princípios para participação no Programa Atleta na Escola

Dados encontrados no sítio do MEC (2014), que fornecem as informações sobre o Programa de Formação Esportiva Escolar, para a participação das escolas Federais, Estaduais, Municipais e Privadas no programa, dependem primeiramente da adesão da Secretaria Estadual de Educação e das Secretarias Municipais de Educação, através do sítio do Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação - SIMEC. E ainda estabelece que, a adesão da Secretaria Estadual de Educação e da Secretaria Municipal de Educação de seu município é obrigatória para a participação de sua escola na competição.

De acordo com o Manual do Programa Atleta na Escola 2013, define é pré-requisito que a escola possua Unidade Executora Própria (UEX) e que, assim como as Entidades Executoras (EEX), para recebimento dos recursos e que realize a adesão ao programa por meio do Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação - SIMEC, disponível no endereço <http://simec.mec.gov.br>.

O Manual do Programa 2013 ainda esclarece as formas de cálculo dos recursos a serem recebidos pelas escolas, dizendo: O cálculo dos recursos a receber, baseia-se na soma de um valor fixo a um valor variável. Cada escola beneficiária receberá a soma de R\$ 1.000,00 (mil reais), como valor fixo, acrescido do valor variável do produto entre o valor per capita de R\$ 3,00 e o número de alunos entre 12 e 17 anos, de acordo com o Censo Escolar do ano anterior ao do atendimento.

Além disso, o Manual do Programa de Formação Esportiva Escolar-Atleta na Escola estabelece algumas outras diretrizes de participação, fazendo apontamentos referentes a onde investir os recursos financeiros.

Os recursos financeiros deverão ser empregados na aquisição de materiais e/ou contratação de serviços para realização de reparos e/ou pequenas adequações que favoreçam a manutenção, conservação e melhoria das instalações físicas da escola para realização de atividades educativas e esportivas e no desenvolvimento dessas atividades que concorram para a elevação do desempenho escolar e esportivo dos alunos (FNDE 2013).

Com relação ao repasse dos recursos financeiros do referido programa o Manual, define que serão depositados em conta bancária específica aberta pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) na mesma agência bancária depositária dos recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, na conta do PDDE Qualidade. E estipula o prazo de execução dos recursos, citando que:

A execução dos recursos deverá ocorrer até 31 de dezembro do ano do recebimento do crédito. Os saldos de recursos financeiros, como tais entendidas as disponibilidades existentes em 31 de dezembro nas contas específicas, poderão ser reprogramados pelas UEx, para aplicação no exercício seguinte, com estrita observância de seu emprego nos objetivos da ação programática. Na hipótese do saldo disponível em 31 de dezembro ultrapassar a 30% (trinta por cento) do total de recursos disponíveis no exercício, a parcela excedente será deduzida de eventual repasse ao qual a UEx fizer jus no exercício subsequente, voltado à ação PDDE Qualidade (FNDE 2013).

Essas são, portanto, as regras, parâmetros, objetivos e fundamentações do Programa Atleta na Escola que o caracterizam e configuram e os parâmetros a serem seguidos. No próximo capítulo faremos a análise deste programa à luz das concepções críticas da Educação Física Escolar.

4 - O PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR – ATLETA NA ESCOLA NA VISÃO DAS CONCEPÇÕES CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo tem por objetivos identificar as perspectivas teóricas educacionais e metodológicas que nortearam a elaboração do programa Atleta na Escola. Verificar se as concepções do programa são norteadas nos princípios fundantes da prática de esportes na Educação Física estudada contemporaneamente e realizar a análise do programa de acordo com as concepções críticas da Educação Física.

Para compreendermos melhor a proposta do Programa Atleta na Escola, criado e implantado pelo governo federal no Brasil, é importante refletirmos um pouco sobre a inserção do esporte na Educação Física em nosso país. Essa expansão ocorreu, segundo Assis de Oliveira, no final da Era Vargas, portanto, no final da primeira metade do século XX. Ele afirma que:

A influência do esporte sobre a educação física tem um grande crescimento após a segunda Guerra Mundial, afirmando-se como elemento hegemônico da cultura corporal. No Brasil, é o período do fim do Estado Novo, do avanço no processo de urbanização, com o desenvolvimento industrial e dos meios de comunicação de massa (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p. 15).

Ele coloca ainda uma questão específica para o crescimento dessa tendência no Brasil que é a “difusão do método denominado ‘Educação Desportiva Generalizada’, criado pelo Instituto Nacional de Esportes da França e que aqui chegou por volta dos anos 1940” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p.15). Essa influência francesa, portanto, associada ao modelo de vida cada vez mais urbano e industrial teriam influenciado profundamente para que essa tendência fosse implantada no Brasil.

Os governos pós-64 incentivaram o crescimento do esporte. Segundo Assis de Oliveira, citando Betti, esse período assinala:

[...] a ascensão do esporte à razão de Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo. Ocorreram também profundas mudanças na política educacional e na educação Física Escolar, que subordinou-se ao sistema esportivo, e a expansão e sedimentação do sistema formador de recursos humanos para a educação Física/Esporte (ASSIS DE OLIVEIRA apud BETTI, 1991, p. 100).

O período da Ditadura Militar, portanto, teve grande influência sobre essa perspectiva do esporte por ter estimulado o rendimento, a eficácia e um distanciamento de qualquer visão crítica nos educandos e nas pessoas em geral.

Na atualidade o esporte se tornou um fenômeno extremamente importante em todas as sociedades. Isso se torna evidente ao deparamo-nos com ele a toda hora e em todos os instantes, mesmo sem praticá-lo. Milhares de pessoas puderam assistir pelos meios de comunicação, sem sair de suas casas, acompanhar os principais eventos esportivos das últimas Olimpíadas ou da Copa do Mundo. Isso se dá em parte que o Brasil faz parte da elite mundial de futebol, voleibol, do basquete, do judô e de certas modalidades da natação e do atletismo. Para Kunz, “Isso causa uma grande influência sobre a nossa ‘cultura do movimento’, e principalmente sobre o conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física”. (KUNZ, 2006, p.22).

Essa expansão da inserção do esporte na escola associada à forma intensa como ele invade a vida das pessoas no Brasil e em outros países, certamente influenciaram e legitimaram a criação pelo governo de um programa como o analisado aqui. E é nesse contexto que se insere a presente pesquisa.

Trabalhamos aqui com a metodologia da análise de conteúdo que segundo Bardin (1977) possui diferentes fases. Na pré-análise foi feito o levantamento dos documentos disponíveis que são o Manual do Programa Atleta na Escola; a Cartilha do Programa de Formação Esportiva Escolar e as informações disponíveis no sítio do Programa. Em seguida, fizemos a exploração do material através da leitura minuciosa do mesmo traçando um paralelo deste com as concepções estudadas dos autores analisados aqui e, em seguida, fizemos o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Nessa busca dos núcleos dos sentidos e análise da frequência de aparições de determinadas ideias, obtivemos as informações que expomos nesse capítulo, construído através de inferências acerca das concepções manifestas nas práticas do Programa Atleta na Escola.

A criação do Programa Atleta na Escola, segundo o MEC, órgão do governo responsável, está diretamente ligada a questões externas à escola, que são os grandes eventos que acontecerão no país. O objetivo principal é

[...] incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes de educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos (MEC, 2014).

Os objetivos citados acima estão, portanto, direta ou indiretamente associados aos eventos esportivos de grande porte que acontecerão no Brasil nos próximos anos.

Os princípios encontrados na criação do programa, os quais serão descritos a seguir são: Projeto criado fora da escola e imposto à mesma sem participação dos membros desta; foco no talento e exclusão da maioria; ligação direta com eventos esportivos de grande porte; compromisso com o desenvolvimento e expansão do capitalismo ao reforçar comportamentos ligados a este.

Este é, portanto, mais um projeto criado e encaminhado pronto à escola, sem pensar em suas necessidades específicas, projeto pedagógico ou outros elementos fundamentais quando se pensa numa escola democrática e reflexiva. Como afirma Vago “o esporte que penetra o espaço escolar é o esporte criado e praticado culturalmente na sociedade, com interesses diversos e conflituosos, certamente. Esse esporte é escolarizado e incorporado à cultura escolar” (VAGO, 1996, p. 11).

Esta seria uma primeira característica do programa: criação externa à escola, sem considerar seus fundamentos pedagógicos ou necessidades específicas, o que o liga às concepções tradicionais de educação. Bracht, um dos representantes das concepções críticas é categórico ao afirmar:

No meu entender o esporte na escola, ou seja, o esporte enquanto atividade escolar só tem sentido se integrado ao projeto pedagógico desta escola. Como consequência é necessário analisar o quadro das concepções pedagógicas e fazer opções. É preciso analisar o tipo de educação possível a partir de cada uma das manifestações do esporte, integrando estas análises discursiva e praticamente na concepção pedagógica eleita (BRACHT, 2009, p.18-19).

Portanto, um mesmo programa, destinado a TODAS as escolas que se habilitaram, sem qualquer reflexão acerca do projeto pedagógico das mesmas, ou qualquer menção de adaptação nas orientações do programa, o desligam totalmente de toda e qualquer concepção crítica que propõe, antes de qualquer coisa, a reflexão pelo sujeito acerca das atividades que ele se vir envolvido.

O governo cita ainda, como forma de justificar a criação do programa, a Constituição Federal de 1988, segundo a qual é dever do Estado incentivar a prática de esportes e assegurar a destinação de recursos visando o desenvolvimento dessas atividades e a captação de novos talentos, sendo inclusive, o esporte, considerado como forma de promoção social.

O problema é que essa é uma questão, ou um direito que não está necessariamente ligado à escola e a educação e ao implantá-lo nesse setor, não se considerou as questões gerais da educação, ignorando-se até mesmo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que afirma em seu artigo 12 “que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica” (LDB, 1996). Nesse caso, o programa se coloca definindo como e o que será trabalhado, sem dar liberdade de escolha à escola e à comunidade que dela faz parte.

Outra característica desse programa é o foco nos “talentos”, portanto, é um programa federal, financiado com dinheiro público, mas que não é destinado a todos os alunos, priorizando os mais “talentosos”, o que o associa, mais uma vez, às concepções tradicionais de educação e de avaliação que premiavam os “melhores” e excluía a maioria.

Hilderbrandt afirma acerca da visão do esporte para a educação física tradicional que “ocupar-se com o esporte geralmente significa, na Educação Física tradicional, apropriar-se das modalidades institucionalizadas e otimizar

as formas padronizadas do movimento” (HILDERBRANDT STRAMANN, 2009, p. 17-18). Isso é exatamente o que propõe o Programa Atleta na Escola.

Kunz faz uma crítica categórica acerca dessa forma de se trabalhar o esporte:

O esporte ensinado nas escolas enquanto uma cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a maioria (KUNZ, 2006, p. 125).

A ideia de fracasso ou insucesso para a maioria seria, portanto, a resultante dessa forma proposta de se praticar o esporte. Hilderbrandt faz a proposta acerca de como deveria ser, de acordo com as concepções críticas, realizado o trabalho com o esporte na escola:

Para a área da Educação Física escolar, porém, a questão do esporte, como conteúdo central de nossa disciplina, deve ser formulada de outra maneira. O conteúdo – o esporte, a cultura de movimento existente – não é inequívoco e inalterável. Ele deve ser, sempre recriado e individualmente estruturado. Isso acontece mediante o ato de movimentar-se e não pelo simples imitar e assumir movimentos normativos preexistentes. O movimento dialógico – é que produz a figura do movimento individual e com isso dá-lhe sentido. Se na Educação Física, for tomado como referência o esporte tradicional, deve-se assumir a intenção do movimento e não a forma de movimento como norma geral (HILDERBRANDT STRAMANN, 2009, p. 17-18).

Em nenhum momento as informações acerca do programa trazem o foco para o movimento intencional, mas existe, ao contrário, a proposta de total adaptação às normas gerais para com isso, os educandos poderem participar das competições internacionais.

O próprio MEC afirma que os Jogos Escolares servem “para possibilitar a identificação de talentos escolares” e afirma ainda que cada fase é “classificatória para a fase posterior. Serão selecionados os melhores atletas de cada fase para participar das fases seguintes” (MEC, 2013). Bracht, um dos teóricos críticos da Educação Física ao comentar o desenvolvimento das

formas tradicionais em que o esporte foi inserido na escola, afirma que no seu desenvolvimento consequente no interior desta cultura, “o esporte assumiu suas características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, *reccord*, racionalização e cientificização do treinamento” (BRACHT, 2003, p.14). E sinaliza a proposta para o trabalho com o esporte a ser realizado pelas teorias críticas ao afirmar:

Portanto, o que a pedagogia crítica em EF propôs/propõe, não é a abolição do ensino de técnicas, ou seja, a abolição da aprendizagem de destrezas motoras esportivas. Propõe sim, o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte (BRACHT, 2009, p.15).

O programa Atleta na Escola, na forma pela qual ele está exposto nas fontes estudadas em nenhum momento sugere a construção de novos sentidos para o esporte, muito pelo contrário, ele propõe a reprodução exata dos princípios tradicionais de competição, escolha dos melhores e destaque desses que passarão sozinhos para a próxima etapa, sem que sequer se mencione como os que não são os “melhores” serão tratados nesse contexto.

Tudo isso é um contrassenso pedagógico. Kunz afirma categoricamente que “esse fomento de vivências de insucesso ou fracasso, para crianças e jovens em um contexto escolar é, no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor!” (Kunz, 2006, p. 125). O mesmo propõe:

A partir desses motivos e considerando ainda que o esporte é uma das objetivações culturais expressas pelo movimento humano mais conhecidas e mais admiradas, até mesmo entre as mais diferentes manifestações culturais existentes, torna-se um imperativo uma transformação didático-pedagógica para torna-lo uma realidade educacional potencializadora de uma educação crítico emancipatória (KUNZ, 2006, p. 126).

Portanto, é necessário que seja feita uma mudança radical na forma de se trabalhar o esporte na escola. Isso é uma ideia justa, pois esta forma

tradicional proposta pelo programa analisado aqui é excludente para a maioria e a escola deve ser, cada vez mais, uma instituição democrática, como é possível perceber das concepções críticas que afirmam que:

Portanto, o esporte tratado e privilegiado na escola pode ser aquele que atribui um significado menos central ao rendimento máximo e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível e a cooperação (BRACHT, 2009, p.19-20).

Em 2014 foram incluídas as pessoas com Necessidade Educacionais Especiais, mas isso não se deu por ter havido uma mudança de concepção no programa, mas pelo fato de que passou a existir uma preocupação com as Paraolimpíadas, o que mostra mais uma vez que todos os objetivos estão associados a questões extra-escolares e não há reflexão acerca da possibilidade de inclusão de todos os alunos.

Os alunos com necessidades especiais foram incluídos, mas isso não se deu porque o programa passou a incluir todos no processo, mas porque houve preocupação do país estar em boas condições para “competir” também, nas paraolimpíadas. Nada disso pode ser considerado como parte das concepções críticas que, segundo Coletivo de Autores:

Nessa perspectiva o Esporte, enquanto tema da cultura corporal, é tratado pedagogicamente na Escola de forma crítico-superadora, evidenciando-se o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio-histórico (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 26).

Nada foi incluído nesse segundo ano de aplicação do programa acerca de ideia de superação baseada em crítica ou de reflexões sócio-históricas, o que mantém o programa, nesse segundo ano de funcionamento, ainda atrelado às concepções tradicionais de esporte na escola. Coletivo de Autores explicita isso muito bem:

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, (não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional.) Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 37).

De acordo com essa visão exposta pelos autores podemos afirmar que a inserção do Programa Atleta na Escola não busca um esporte DA escola (que seria reflexivo e construtivo), mas apenas insere o esporte NA escola, sem reflexão nem qualquer mudança de parâmetro em relação ao esporte produzido fora da escola.

As diretrizes para participação da escola no Programa são puramente de ordem financeira e desconsideram questões pedagógicas gerais. Do exposto acima, podemos afirmar que a forma de criação, implantação e execução do Programa Atleta na Escola está ligada a concepções tradicionais que consideram a escola como um ambiente que passa informações e conteúdos prontos aos alunos sem haver reflexão específica, usando-se termos como “competição”, “seleção dos ‘melhores”, “valores olímpicos e paraolímpicos”, “formação do atleta escolar” e “jovens talentos” (MEC, 2014). Estes termos apontam para o inverso de uma educação focada no “movimento”, do esporte como “fenômeno social, tema da cultura corporal” (Coletivos de Autores, 1992, p. 49). Que são as propostas dos autores das concepções críticas analisados neste trabalho. Como afirmam Coletivos de Autores.

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz "a dois", e de que é diferente jogar "com" o companheiro e jogar "contra" o adversário (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 49).

Esses valores sugerem a necessidade da criação pelo governo de incentivos para a área de educação física que estejam desarticulados das

ideias do capitalismo, pois, segundo os autores das concepções críticas do esporte a ênfase na eficiência está diretamente ligada a uma defesa do capitalismo. Nas palavras de Assis de Oliveira:

O desenvolvimento da aptidão física se dá por meio do esporte que possibilita o exercício do alto rendimento, ou seja, o esporte faz da educação física partícipe, na sua especificidade, do modelo de sociedade assentado na produtividade, na eficácia, na eficiência e, sobretudo no final dos anos de 1960 e início dos anos 1970, na formação do corpo dócil e disciplinado, apolítico, acrítico e alienado (ASSIS DE OLIVEIRA, 2010, p.16).

Esse programa Atleta na Escola seria, portanto, um instrumento do governo brasileiro para favorecer a expansão e o desenvolvimento do capitalismo no país, ao implantar conceitos ligados ao mesmo no momento em que se trabalha o esporte de rendimento sem reflexão.

É importante ainda, ao se criar um programa educativo escolar, que se respeite as discussões produzidas na área de educação abordada e, acima de tudo, considere o projeto político pedagógico de cada escola, sem se prender às competições internacionais ou a valores alheios à educação de nossos jovens.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final de um trabalho como esse traz uma mistura enorme de sentimentos. Alívio, pela sensação do dever parcialmente cumprido; angústia, pela ansiedade que existe sempre que sabemos que seremos avaliados; alegria, por ter tido uma nova experiência na vida de estudante; medo, por ter que enfrentar a vida de adulto e o mercado de trabalho; tristeza, por perceber que nossa área ainda é pouco respeitada pelo governo que faz um programa da amplitude do Atleta na Escola, sem considerar que os profissionais da educação física podem ser preparados para lidar com os temas ligados a ela e construir formas frutíferas de trabalhar, sem precisar receber um pacote pronto, acrítico e com ideias ultrapassadas em nossa linha predominante de pensamento sobre educação.

Nessa monografia pudemos conhecer mais a fundo os teóricos críticos da educação física, que além de criticar a forma tradicional de se trabalhar com o esporte na escola, nos ajudam a formular um esporte da escola que privilegia o pensamento, a reflexão, a ênfase no movimento e a formação de cidadãos capazes de refletir sobre seus movimentos e manifestações culturais.

Fizemos também a exposição dos elementos que constituem o Programa de Formação Esportiva Escolar – Atleta na Escola, suas regras e formas de aplicação, seu contexto de surgimento e objetivos. Em seguida, analisamos os parâmetros teóricos nos quais se baseiam o programa que, conforme vimos, está assentado numa visão tradicional de educação física por estar focado em conceitos como competição, rendimento, sucesso e outros, sendo estes totalmente opostos a uma ideia crítica que pretende trabalhar a educação física da escola, onde os jogos e outras atividades esportivas são trazidas de forma contextualizada na cultura em que são produzidas e reelaboradas, sendo cada aluno considerado como um sujeito ímpar e reforçando-se conceitos como cooperação e participação.

Chegamos ao fim deste trabalho com a sensação de dever cumprido e uma certeza de que ao ingressarmos na profissão de professor de Educação Física devemos carregar conosco o senso crítico aprendido na universidade e um desejo de atuarmos de acordo com as concepções que formam um ser

humano capaz de entender o mundo em que vive e intervir nele de forma positiva e construtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS de Oliveira, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. 3. Ed. Reimp. – Campinas, SP: Autores associados, chancela editorial CBCE, 2010 (coleção educação física e esporte) .

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2. Ed. Revisada – Injuí: Ed. Unijuí, 2003 – 136.p – (coleção educação física).

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. *In*: STIGGER, Marco Paulo & LOVISSOLO Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (coleção educação física e esportes).

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**: a educação física como componente curricular. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação física e esportes).

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FNDE. **Manual do Programa Atleta na Escola**. Acesso em 20 de Abril de 2013, disponível em Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. 2013: <http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/191-consultas?download=8262:manual-atleta-na-escola-2013>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HILDERBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Educação Física aberta à experiências: uma concepção didática em discussão** / Heiner Hilderbrandt-Stramann organizador. – Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7 Ed - Injuí: Ed. Unijuí, 2006. – 160 p.(coleção educação física)

LOMBARDI, José Claudinei. **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. 2.ed. rev.e ampliada Campinas, SP: Autores Associados, Caçador: UnC, 2003. 217p. (Coleção educação contemporânea)

MEC. **Cartilha do Programa de Formação Esportiva Escolar**. Acesso em 20 de Abril de 2013. Disponível em Ministério da Educação. 2013: <http://atletanaescola.mec.gov.br/anexos/cart_etapa_escolar_221013.pdf>.

MEC. **Programa de Formação Esportiva Escolar**. Acesso em 18 de abril de 2014. Disponível em Ministério da Educação. 2014: <<http://atletanaescola.mec.gov.br/programa.html>>.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática** - 17ªed. - Campinas, SP: Papirus, 2012 (coleção formação e trabalho pedagógico).

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. (2000) - **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da FSC. Disponível em:<http://www.aedb.br/seget/artigos08/584_Estrategias%20de%20Socializacao.pdf />. Acesso em: 12/03/2014.

STIGGER, Marco Paulo .Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. *In*: STIGGER, Marco Paulo & LOVISSOLO Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (coleção educação física e esportes).

STIGGER, Marco Paulo & LOVISSOLO Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (coleção educação física e esportes).

VAGO, Tarcísio Mauro. **O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente**. Um diálogo com Valter Bracht. Revista Movimento - Ano III - Nº 5 - 1996/2

VAZ, Alexandre Fernandez. Técnica, Esporte, Rendimento. *In*: STIGGER, Marco Paulo & LOVISSOLO Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na**

escola. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (coleção educação física e esportes).

ANEXO

Manual de Orientações do Programa Atleta a Escola.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Básica
Diretoria de Formulação de Conteúdos Educacionais
Programa Atleta na Escola

Manual de Orientações

1. Apresentação

A prática desportiva apresenta duplo caráter educativo: além de permitir o desenvolvimento das atividades motoras, cognitivas e físicas, é um meio particular de socialização e superação de limites pessoais e coletivos. De acordo com a Constituição Federal de 1988, é dever do Estado incentivar a prática de esportes e assegurar a destinação de recursos visando o desenvolvimento dessas atividades e a captação de novos talentos, sendo inclusive, o esporte, considerado como forma de promoção social.

2. Objetivos:

O Programa Atleta na Escola, integrante do plano de ações do PDDE Qualidade, visa:

1. difundir a prática desportiva entre os estudantes brasileiros;
2. desenvolver valores olímpicos e paraolímpicos entre os jovens e adolescentes;
3. favorecer a identificação de jovens talentos numa perspectiva de formação educativa integral que concorra para a elevação do desempenho escolar e esportivo dos alunos.

3. A quem se destina os recursos?

Os recursos, a serem disponibilizados nos moldes do PDDE, destinam-se a escolas públicas municipais, estaduais e distritais, que tenham a partir de 10 (dez) alunos matriculados na faixa etária de 12 a 17 anos, cursando o ensino fundamental e/ou médio, de acordo com informações do censo escolar do ano anterior ao do atendimento.

4. Como habilitar-se para receber os recursos?

Para recebimento dos recursos, é pré-requisito que a escola possua Unidade Executora Própria (UEX) e que, assim como as Entidades Executoras (EEX), realize a adesão ao programa por meio do Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação (SIMEC), disponível no endereço <http://simec.mec.gov.br>.

5. Forma de cálculo dos recursos

O cálculo dos recursos a receber, baseia-se na soma de um valor fixo a um valor variável. Cada escola beneficiária receberá a soma de R\$ 1.000,00 (mil reais), como valor fixo, acrescido do valor variável do produto entre o valor per capita de R\$ 3,00 e o número de alunos entre 12 e 17 anos, de acordo com o Censo Escolar do ano anterior ao do atendimento.

Montante Valor Fixo Valor Variável

a receber = R\$ 1.000,00 + R\$ 3,00 x N° de alunos
entre 12 e 17 anos.

6. Onde empregar os recursos recebidos?

Os recursos financeiros deverão ser empregados na aquisição de materiais e/ou contratação de serviços para realização de reparos e/ou pequenas adequações que favoreçam a manutenção, conservação e melhoria das instalações físicas da escola para realização de atividades educativas e esportivas e no desenvolvimento dessas atividades que concorram para a elevação do desempenho escolar e esportivo dos alunos.

Veja alguns exemplos de gastos onde os recursos poderão ser empregados:

Apito, Bate-bate, cornetas, cones, Cal Virgem, trena;

Areia, serragem, rastelo (rodo);

Bandeirolas, fita zebrada;

Contratação de serviços de terceiros para coordenar as atividades ou cuidar dos atletas quando a competição esportiva for em outro estabelecimento ou localidade que não a escola;

Aluguel de veículo para transporte dos atletas até a localidade de realização das provas esportivas;

Compra de lanches, água e gelo para atividades de longa duração e elevado esforço físico;

Impressão de certificados de participação, impressão de modelos de súmula, papel, cartucho de tinta de impressora, materiais de custeio necessários à realização da competição.

7. Como será feito o repasse?

Os recursos financeiros do referido programa serão depositados em conta bancária específica aberta pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) na mesma agência bancária depositária dos recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, na conta do PDDE Qualidade.

8. Prazo de execução dos recursos

A execução dos recursos deverá ocorrer até 31 de dezembro do ano do recebimento do crédito. Os saldos de recursos financeiros, como tais entendidas as disponibilidades existentes em 31 de dezembro nas contas específicas, poderão ser reprogramados pelas UEx, para aplicação no exercício seguinte, com estrita observância de seu emprego nos objetivos da ação programática.

Na hipótese do saldo disponível em 31 de dezembro ultrapassar a 30% (trinta por cento) do total de recursos disponíveis no exercício, a parcela excedente será deduzida de eventual repasse ao qual a UEx fizer jus no exercício subsequente, voltado à ação PDDE Qualidade.

9. Mais informações

Visando auxiliar na execução do Programa, o Ministério da Educação desenvolveu o sítio eletrônico: <http://atletanaescola.mec.gov.br/>. No endereço, são disponibilizadas informações sobre adesão, sugestões de atividades esportivas a serem desenvolvidas e links para documentos relacionados ao programa. Mais informações, entrar em contato com a Central de Atendimento 0800-616161.